

Autor: LUIZ ANTÔNIO

# Eis um pouco da história de **JESUÍNO BRILHANTE**



Coleção Queima-Bucha - Mossoró, RN - Março de 2007

Queima-Bucha

Autor: Luiz Antônio

## EIS UM POUCO DA HISTÓRIA DE JESUÍNO BRILHANTE

Tem histórias bem contadas  
Por cordelista importante.  
Outras distorcidas que,  
Não tem quem leia e nem cante.  
Com esta realidade,  
Vou ver se conto a verdade,  
De Jesuíno Brilhante.

Março de quarenta e quatro,  
Ele ao mundo foi chegado,  
Filho de Alexandrina  
E João Alves Calado.  
Na fazenda Tuiuiú,  
Próximo à Vila de Patú,  
Na divisão do Estado.

Cresceu encostado ao pé  
Da Serra do Cajueiro.  
Com o seu pai que, também,  
Era um simples fazendeiro.  
Era fonte e corredor,  
Tornou-se um bom laçador  
E foi melhor sendo vaqueiro.

Viveu na agricultura,  
Onde tinha seu espaço.  
Mas o destino perverso,  
Findou lhe jogando um laço.  
Que mudou o seu destino  
E empurrou Jesuíno  
Para o mundo do cangaço.

Tinha a família Limão,  
Morena cor de café ,  
Que dizia que não era,  
De temer a Rapa-pé.  
Praticavam todos atos,  
Com apoio dos Lobatos  
E os Lobos de Catolé.

Do pátio da Tuiuiú,  
Uma cabra foi roubada.  
Por Jesuíno Brilhante,  
A mesma foi rastrejada.  
Sabe o resultado dela?  
Encontrou numa panela,  
Cheirando e bem cozinhada

. 02 -

O Jesuíno Brilhante,  
Descobriu que o ladrão,  
Que roubou a sua cabra,  
Não era outro, se não  
Fosse, um dos atrevidos,  
Dos morenos protegidos,  
Dessa família Limão.

Rapidamente a notícia,  
Se espalhou na vizinhança,  
Onde a cabra foi achada  
E o lugar da matança.  
Com o nome do ladrão,  
Toda família Limão,  
Resolveu tomar vingança.



Lucas era um rapaz simples,  
Que não tinha culpa de nada,  
Foi a uma festa um dia ,  
Rever uma namorada.  
Lá Honorato Limão,  
Lhe pegou à traição,  
Deu-lhe uma surra danada!

No outro dia ele estava,  
Bebendo cana em Patú,  
Junto com os seus amigos,  
Bravo igual a canguçu.  
Contando o que aconteceu,  
Da grande surra que deu  
No cabra de Tuiuiú.

Jesuíno ali chegou,  
Ligeiro como um felino,  
Honorato não deu tempo  
De falar mais no menino.  
Depressa pagou a conta,  
Depois que passou na ponta  
Do punhal de Jesuíno.

- 03 -

Jesuíno nesse dia,  
Fez o seu crime primeiro.  
Juntamente com o seu,  
Cunhado Manoel Monteiro.  
Esse vaqueiro importante,  
Daquele dia em diante,  
Deu-lhe uma surra danada!

Perseguido se escondeu,  
Naquele pé de serrote,  
Sem tirar leite de vaca,  
Sem dá queda em novilhote.  
Sem correr atrás de touro,  
Trocou a roupa de couro,  
Na mira do clavinote.

Não foi pra longe ficou,  
Pela zona fronteiraça.  
Onde encontrava os Limões,  
Estava festa e carniça.  
Era duro igual lajedo,  
Nuns cantos fazia medo,  
Noutros fazia justiça.

- 04 -

Jesuíno mais não tinha,  
Condições de viver só.  
Juntou-se com Pageú,  
Zé Antonio, Antonio Duó.  
Delgado, Escravo, Benício,  
Perí, Manoel Simplício  
E o bravo Manoel de Ló

Os Limões lhe emboscavam,  
A polícia o perseguia.  
Jesuíno com seu bando,  
Ao povo não ofendia.  
Nos lugares que passava,  
Não matava, não roubava,  
Se precisasse pedia.

Se na sua região,  
Uma moça era ultrajada.  
E o autor dizia que  
A deixava desprezada.  
Ele ia atrás e trazia,  
Casava e depois dizia:  
- Cuide de minha afilhada.

Ali por perto existia,  
Um bandido igual serpente,  
Por nome de Curió,  
Que se dizia valente.  
Sutil igual a raposa,  
Perseguidor de esposa,  
Que tinha o marido ausente.

- 05 -

E Jesuíno encontrou,  
Uma pobre mulher só,  
Próximo à margem da estrada,  
Chorando de fazer dó.  
Devido a barbaridade  
De dormir, contra a vontade,  
Com o bandido Curió.

E Jesuíno afastou,  
O seu bando destemido,  
Tirou também a mulher,  
Para um lugar escondido.  
Deitou-se no seu colchão,  
De arma branca na mão,  
Foi esperar o bandido.



Curió entrou no quarto,  
 Sanhudo como um felino,  
 Com pouco saiu puxado,  
 Pelos pés como um suíno.  
 Aquele conquistador,  
 Já havia feito amor,  
 Com o punhal de Jesuíno.

A mulher lhe agradeceu,  
 Em nome do pai dos pais.  
 Jesuíno disse a ela,  
 Fique com Deus, durma em paz.  
 Diga para seu marido,  
 Que Curió o bandido,  
 Viajou não volta mais.

- 06 - Os Limões ao Tuiuiú,  
 Invadiram um certo dia.  
 Atiraram em criação,  
 Saquearam o que havia.  
 Levaram bens e dinheiro,  
 Mataram Lúcio Monteiro,  
 Voltaram com alegria.

Usaram na invasão,  
 Rifle, pistola e punhal.  
 Prenderam seu pai e Lucas  
 Da maneira mais brutal.  
 Por soldados e bandidos,  
 Os dois foram remetidos,  
 Para a cadeia em Pombal.

Jesuíno já havia,  
Residido antigamente,  
Na fazenda Boa Vista,  
Próximo daquele ambiente.  
Conhecia toda norma,  
Foi procurar uma forma,  
De libertar sua gente.

Uma certa noite entrou,  
Com seu grupo em companhia,  
Na cidade de Pombal,  
Partiu pra delegacia.  
Arrombou o paredão,  
Soltou o pai, o irmão  
E todo preso que havia.

- 07 -

Escravo tentou um dia,  
Ganhar a força um xodó.  
Descobriram umas falhas  
No tal Antonio Duo.  
Esses, ninguém os viu mais,  
Acham que foram atrás  
Da alma de Curió.

Na seca em setenta e sete,  
Se um grande comboio vinha,  
Jesuíno arrebatava,  
Arroz, feijão e farinha.  
Rapadura, carne e fava,  
Repartia tudo e dava,  
Ao povo que nada tinha.



Da pequena Imperatriz,  
Um dia tomou chegada,  
Disposto a matar um preso,  
Daquela raça malvada.  
Que lhe causava revolta  
E trazer, para casa, de volta,  
Uma moça raptada.

No ano setenta e nove,  
Ao passar num boqueirão,  
No sítio Santo Antonio,  
Estava o cabo Zé Limão,  
Escondido num serrote,  
Apontou-lhe o clavinote,  
O deixou morto nom chão.

- 08 -

Foi próximo a Brejo da Cruz,  
Esse tiroteio forte,  
No sertão da Paraíba,  
Talvez por falta de sorte.  
Foi quando calou-se o cântico,  
Do Cangaceiro Romântico,  
Do Rio Grande do Norte.

Peço desculpas ao leitor,  
A peça mais importante,  
Porque falta muita coisa,  
Para traz e para adiante.  
Pois num folheto miúdo,  
Não há quem conte tudo  
De Jesuíno Brilhante.

FIM

# Literatura de Cordel

PROJETO

ACORDA CORDEL

NA SALA DE AULA



LUIZ GONZAGA DA SILVA – Nasceu ao 28 de novembro de 1939, em Patos – PB. É cantador violeiro, profissional desde o ano de 1959, usando o pseudônimo de LUIZ ANTÔNIO. Radicado em Mossoró – RN, casado com D. Albertina, é cidadão mossoroense e guardião da Casa do Cantador do Oeste Potiguar. Publicou: SAUDADE DA INFÂNCIA, em 1982, e DO LITORAL AO SERTÃO.



**SOCIEDADE BRASILEIRA DE  
ESTUDOS DO CANGAÇO - SBEC**

Museu Histórico Lauro da Escóssia  
Pça. Antônio Gomes s/n Centro  
59610-150 - Mossoró RN



**CSC**

**CONSTRUÇÃO, SERVIÇOS E COMÉRCIO LTDA**